



Cultura Jornalística: Tempo, Ritual, Hierarquia e *Newsmaking* na TV Alterosa de Juiz de Fora¹

Rafael do Nascimento GROHMANN²
Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

Resumo

Através do método etnográfico de observação-participante, e tentando relacionar teorias antropológicas e da comunicação, o artigo pretende analisar ritual, hierarquia em ambiente jornalístico e o processo de produção de notícias no telejornal da TV Alterosa, de Juiz de Fora. O tempo é uma categoria-chave para a compreensão dos eventos observados, à medida que se constitui como elemento central no caráter específico da cultura jornalística.

Palavras-chave: tempo; ritual; hierarquia; *newsmaking*, coesão.

Introdução e Metodologia

O presente artigo tem como objetivo compreender, através de um trabalho etnográfico, a rotina de um ambiente jornalístico-televisivo, e, a partir disso, tentar captar os aspectos mais relevantes de seu cotidiano, para isso interpondo relações com as teorias da Antropologia e da Comunicação. Também pretendemos analisar o processo de produção de notícias do local pesquisado, uma vez que a abordagem etnográfica possibilita a observação de práticas sociais efetivas, que dão acesso à produção cultural.

Em uma “sociedade da informação”, heterogênea, comandada pelo imediatismo, é importante estudar e entender a cultura de uma empresa que representa os valores da instantaneidade e da preciosidade do tempo; a cultura jornalística se insere nesse contexto.

Pesquisamos o departamento de Jornalismo da afiliada da TV Alterosa em Juiz de Fora, ligada ao Sistema Brasileiro de Televisão (SBT). Cada emissora da TV Alterosa é uma empresa autônoma e tem seu próprio regimento, embora o nome-fantasia seja o mesmo em todos os lugares.

O método utilizado foi o da observação participante. Numa abordagem qualitativa, consideramos que os significados somente são apreendidos se se considerar

¹ Trabalho apresentado na Sessão Jornalismo e Editoração, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Orientado pelo Prof. Paulo Roberto Figueira Leal, da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF.

² Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Ciências Sociais da UFJF, email: rafael-ng@uol.com.br



sua inserção em um contexto cultural singular. Assim, a partir da coleta de dados através do contexto, podemos compreender assuntos subjacentes e não-óbvios. Alguns depoimentos de integrantes do local também foram coletados para dar mais suporte ao trabalho.

O tempo de observação foi relativamente curto, com média diária de três horas, durante um período de duas semanas, excetuando-se os finais de semana e as segundas-feiras, com início no dia 15 de maio de 2007, no período da manhã. O horário foi escolhido tendo em vista que o telejornal diário tem início perto do meio-dia, e o período de mais turbulência e agitação é o matutino, ficando o restante do dia pouco movimentado.

Cultura Organizacional

Para se compreender a cultura do lugar pesquisado que, cabe salientar, é um ambiente de trabalho, a definição de Schein (1986) nos parece a mais apropriada: a cultura organizacional como um modelo dos pressupostos básicos que determinado grupo tem inventa, descobre ou desenvolve no processo de aprendizagem para lidar com problemas de adaptação externa e integração interna. Uma vez que tais pressupostos tenham funcionado bem o suficiente para serem considerados válidos, são ensinados aos demais membros como a maneira correta para se perceber, pensar-se e se sentir em relação àqueles problemas.

No caso do campo jornalístico, os critérios de noticiabilidade são um componente fundamental à cultura organizacional, como será detalhado mais adiante, e a rotina de confecção da notícia é um importante fator de socialização propriamente jornalística (BARROS FILHO; SÁ MARINO, 2003).

Para entender as funções de uma cultura organizacional, deve-se observar o sistema de significados compartilhados pelos membros, diferenciando uma organização de outra (ROBBINS, 2002). São importantes alguns aspectos de adaptação externa, em relação ao ambiente, e também questões de adaptação interna, como linguagem comum, poder, hierarquia, intimidade e amizade (SCHEIN, 1986). A relação do jornalista com o tempo pode ser considerada um destes fatores, pois é preciso se adaptar à linguagem, aos paradigmas do telejornal, como a lógica da velocidade e a preferência pelo “ao vivo”, por exemplo. (MARCONDES FILHO, 2000).



O Ritual e seus tipos

Sem expressão, a cultura morre. Na ausência de cerimônias e rituais, os valores não têm impacto. (DEAL; KENNEDY, 1988). De acordo com Martine Segalen (2002), o ritual é um conjunto de atos formalizados, expressivos, portadores de uma dimensão simbólica. Ele é caracterizado por uma configuração espaço-temporal específica, pelo recurso a uma série de objetos, por sistemas de linguagens e comportamentos específicos e por signos emblemáticos cujo sentido codificado constitui um dos bens comuns do grupo. Nas obras de Durkheim (1996) e Radcliffe-Brown (1973) observa-se a idéia do rito como funcional, com o social sobrepondo-se ao individual.

Hábitos e rituais não são a mesma coisa: hábitos são coisas que as pessoas fazem repetitivamente por conveniência ou eficiência; ações rituais são crenças significantes, eventos especiais. Como diz Mariza Peirano (2002, p.8):

Rituais (...) são demarcados em termos etnográficos e sua definição só pode ser relativa - nunca absoluta ou *a priori*; ao pesquisador cabe apenas a sensibilidade de detectar o que são, e quais são, os eventos especiais para os nativos (sejam “nativos” políticos, o cidadão comum, até cientistas sociais).

Beyer & Trice (1984) descrevem ritos e cerimônias como ações discretas que tem um começo e um fim e dão a expressão a valores e crenças de uma cultura. Segundo eles, a ação ritual é uma forma de ação social na qual a identidade e os valores de um grupo são publicamente demonstrados ou desempenhados de maneira estilizada, dentro de um contexto de uma ocasião ou evento específico.

Na Antropologia Organizacional, os ritos são uma forma útil de manifestar e expressar a cultura de uma empresa; são uma forma fundamental de interação. Os rituais são como rotinas programadas e sistemáticas da vida cotidiana da empresa, que mostram aos empregados o tipo de comportamento que se espera dos mesmos, proporcionam exemplos visíveis do que a companhia representa. Beyer & Trice (1984) recomendam o estudo de rituais como uma maneira de acessar versões "comprimidas" de formas culturais que, de outra maneira, estariam ocultas para o pesquisador.

Beyer & Trice (1984) dividem os ritos em ritos de passagem, de degradação, de reforço, de renovação, de redução de conflitos e de integração. Para Christian Lange (1991), há também os ritos de estilo, em que as linguagens formais e não-formais são



analisadas, como modo de falar, de se vestir, de se comportar. Eles podem revelar características relevantes do ambiente da empresa.

No caso da TV Alterosa, os repórteres, produtores e editores se vestiam de modo diferente dos cinegrafistas (sempre com um colete) e dos zeladores (com vestimentas mais simples), sendo que estes sempre usavam crachás; teoricamente, os primeiros estão em posição hierárquica superior. As classificações de rituais dadas não esgotam toda a tipologia existente, até porque o rito é considerado dentro do contexto.

A TV Alterosa

A TV Alterosa chegou a Juiz de Fora como uma pequena sucursal. Uma pequena equipe produzia matérias de toda a Zona da Mata, que eram enviadas para a rede, em Belo Horizonte. Foi assim até o final de 1999, quando a TV Alterosa comprou definitivamente a TV Tiradentes. Em março de 2000 foi inaugurada a sede da afiliada do SBT na cidade, que fica na Rua Rei Alberto. O número de funcionários não acompanhou o crescimento da empresa, o que acarretou na sobrecarga de funções de praticamente todos os funcionários; inclusive, a maioria destes considerou o fato como bastante problemático. Passemos agora à descrição do ambiente.

Ao entrar no prédio da TV Alterosa, há uma recepção, em uma área relativamente grande. Uma secretária controla a entrada e a saída dos funcionários e visitantes, assim como atende os telefonemas e os liga aos respectivos ramais. Há duas cadeiras e um pequeno sofá, com uma mesa ao centro e uma televisão ligada, sempre na TV Alterosa.

O departamento de Jornalismo fica no andar superior, onde trabalha a secretária da Diretoria. Um corredor leva-nos às salas de Redação, Edição e aos estúdios onde são gravados os programas gerados pela emissora. Atentamos a observar somente o processo de produção do telejornal local: o Jornal da Alterosa – Edição Regional.

As salas, em geral, são pequenas, e o ar condicionado é mantido ligado. Há, ao menos, um relógio em cada ambiente e no pulso de cada jornalista, o que demonstra a preocupação com o tempo. Na Redação, há duas produtoras (uma por turno – manhã e tarde) e uma editora-chefe, que trabalham em mesas separadas, cada uma com seu computador, voltadas de costas uma para a outra. Há outra mesa onde ficam os jornais do dia.



Uma televisão e um rádio ficam ligados no canal da principal concorrente, a TV Panorama, afiliada da Rede Globo na região, a fim de fazer "escuta" da concorrência, ou seja, analisar os fatos noticiados ou não pela mesma. No campo jornalístico, presta-se muita atenção à concorrência, no que pode ser divulgado, ou que pode ser exclusivo de sua emissora ou não. Para Champagne (1996), isto faz o campo jornalístico distinto dos outros campos de produção restrita, como a arte, por exemplo, que não se guia tanto pela concorrência. "A importância de uma informação vem também do que outras publicações falam de lá" (NEVEU, 2006, p. 93).

Na redação, há um quadro branco, onde são colocadas as pautas da semana, organizadas como um cronograma. Em quase toda a parede, telefones de fontes, outros contatos, cartazes sobre eventos, pautas. Nas ilhas de edição, muitos aparelhos e botões (complexos e "indomáveis" para leigos); todos os computadores possuem dois monitores. Uma das ilhas é mais simples: possui somente uma máquina e é usada para edição de comerciais e gravação da previsão do tempo; durante o jornal, ela é usada para "controlar o tempo do jornal". A outra é chamada também de "sala de exibição". Um cartaz avisa-nos que após as onze horas da manhã, somente funcionários a trabalho podem permanecer na sala. Em virtude da pesquisa, pudemos, excepcionalmente, ficar no local.

O Estúdio tem uma acústica própria, com cenário, bancada, holofotes, um computador, duas televisões e duas câmeras: uma aberta, que é muito usada em passagens de bloco, e outra, mais fechada, usada para notícias mais importantes, como se a angulação da câmera traduzisse o acontecimento na linguagem-padrão do jornalismo (MARCONDES FILHO, 2000). Uma das duas televisões tem meio segundo de atraso para a apresentadora saber que "já pode entrar no ar". Há também um *chromakey*, um cenário com fundo azul, usado para gravações de comerciais. Passemos agora à apresentação dos jornalistas que trabalham no Jornal da Alterosa – Edição Regional, em Juiz de Fora. A veiculação de informações pessoais, como os nomes verdadeiros e idade, foi devidamente autorizada.

Gilze Freitas Bara, 36 anos, é editora-chefe do Jornal da Alterosa há cinco anos e meio. Não tem um horário fixo para chegar à emissora; geralmente entre nove horas e nove e meia da manhã ela se encontra em sua sala. É responsável pela montagem do jornal, bem como hierarquizar informações. Tudo o que ocorre na emissora depende de seu aval, inclusive os programas terceirizados. Entre muitas coisas, a gravação da previsão do tempo fica a seu cargo: aproximadamente às dez e meia da manhã, ela



verifica em um *website* a previsão para a região, e grava a sua voz em uma das ilhas de edição. Ela coordena todas as funções.

Regina Lúcia Ramalho, 42 anos, é produtora do turno da manhã, sendo uma das primeiras a chegar. Verificação de notícias, leitura de jornais, ligações para todos os postos policiais e delegacias da região fazem parte de seu trabalho. A produção de pautas para os repórteres e notas para o jornal também ficam sob sua responsabilidade. Praticamente o dia todo fica no telefone atrás de notícias ou informando os repórteres sobre a urgência de uma nova notícia. Trabalha junto com Gilze na Redação: seus computadores estão sempre com a caixa de e-mails aberta para manter conexão com a matriz de Belo Horizonte, com as fontes e com a própria editora-chefe. Também é responsável por gravar os telejornais da concorrente e entregar um relatório para Gilze.

Na parte da tarde a produção fica por conta de Gesane Aparecida Loures Fernandes, 24 anos. Ela também é a apresentadora do Jornal da Alterosa – Edição Regional. Chega todos os dias à emissora por volta das onze horas da manhã, onde se maquia sozinha, para a apresentação do telejornal.

Kelly Scoralick, 27 anos, faz a edição das fitas com as matérias que os repórteres trazem das ruas e organiza-as juntamente com o material de áudio, vídeo e outras matérias já gravadas. Prepara as imagens que irão ao ar durante o telejornal. Quando este se inicia, Kelly vai à outra ilha de edição controlar o tempo das matérias e dos comerciais para saber se há necessidade de excluir alguma nota, em caso de atraso, ou colocar algum comercial institucional no ar, em caso de sobra de tempo. Essas são somente algumas das medidas tomadas nesses casos: às vezes, pede-se para a apresentadora ler mais devagar ou mais depressa o texto, dependendo do caso.

Rodrigo César de Andrade Mattos, 24 anos, está no cargo de edição de comercial há um mês. A edição da previsão do tempo também fica sob sua responsabilidade. Na ilha de edição, sua relação é apenas com a máquina. Durante a exibição do jornal, assume a função de direção de imagem.

Há duas equipes de reportagens: os repórteres Evandro Fagundes e Michele Pacheco e os cinegrafistas Marco Fagundes e Robson Rocha, que revezam turnos. Durante a exibição do jornal, duas pessoas de outros departamentos ficam responsáveis pela exibição dos créditos nas matérias e pelo áudio.

O dia-a-dia



Em todos os dias, chegávamos à recepção e tínhamos de nos identificar. A secretária ligava para o ramal da Produção e solicitava autorização para nossa entrada no departamento pesquisado. Geralmente o ramal estava ocupado, e esperávamos alguns minutos até finalmente subir e começar a observação.

Já no departamento, revezávamos entre ficarmos os dois na mesma sala ou cada um em salas diferentes. Pudemos notar que o conjunto de atividades era dividido em pequenos grupos; em geral, não mais que duas pessoas eram responsáveis por realizar cada etapa de produção do telejornal.

O jornalismo tem sua própria linguagem, com jargões e expressões específicas. Desse modo, a comunicação verbal e escrita entre as pessoas era impregnada de termos relacionados ao jornalismo televisivo.

Na fase preparatória do jornal, tenta-se privilegiar a cobertura de notícias factuais da região. À medida que o horário do jornal se aproxima, o clima vai ficando mais tenso, e aumenta a movimentação nos corredores e nas salas. Não é incomum ouvir falas mais exaltadas, gritos e palavrões nesses momentos. Há uma rotina desrotinizada: por mais que o dia seja programado, sempre há imprevistos.

Quando o jornal se inicia, é preciso que cada um fique bastante atento. Trata-se de um trabalho em equipe, e um simples apertar de botão pode comprometer toda a transmissão e, conseqüentemente, o trabalho das outras pessoas. Isto ocorre porque a interdependência, a coesão, a necessidade de cooperação e a máxima atenção são reclamadas durante o jornal. Cada segundo é cronometrado e, durante os vinte minutos em que a emissora fica por conta da transmissão, busca-se a perfeição, a sincronia intocável entre pessoas e máquinas.

Hierarquia

Um cartaz na redação nos informa que a palavra que deve ser considerada mais importante é “nós”, e a menos importante, “eu”. Embora a informalidade esteja presente nas relações entre os funcionários da empresa e conversas descerimoniosas e brincadeiras façam parte do cotidiano, existe uma hierarquia a ser observada; dentre os entrevistados, houve consenso sobre a necessidade de uma hierarquia no ambiente de trabalho.

A partir das observações, acreditamos que o depoimento que obtivemos do nativo Rodrigo foi o que mais se aproximou, de fato, do esquema hierárquico



observado: Gilze é a chefe, a líder; todos os outros têm pesos iguais (edição, reportagem e produção). Existe uma relação cordial, até mesmo informal de autoridade; Gilze é uma “chefe amiga”, e isso foi considerado em quase todos os depoimentos. Entretanto, seu papel de liderança não é meramente alegórico: acontecimentos e tomadas de decisão importantes “recaem em suas costas”.

No quesito obediência à hierarquia, notou-se que a autoridade é obedecida somente de maneira parcial; de acordo com a editora-chefe e a apresentadora do jornal, os funcionários mais antigos e que estão em posição hierárquica teoricamente mais baixa “se acham os donos do território”, querem passar à frente do líder. Houve visões diferentes quanto a esta obediência; um dos jornalistas disse que havia total respeito à autoridade; outro afirmou o oposto, isto é, que não havia respeito algum. Para este último, a facilidade e a proximidade na relação funcionários-chefe terminavam por prejudicar o sistema hierárquico.

Rituais no ambiente jornalístico

Percebemos a falta de certos rituais administrativos; esperávamos grandes reuniões, envolvendo todo o departamento, rediscutindo metas, pautas, etc. Perguntamos o porquê de sua ausência. Houve um tempo em que essas reuniões eram realizadas com frequência; porém, funcionavam como uma “grande lavagem de roupa suja”. Abordavam-se múltiplos assuntos, muitos irrelevantes, não se chegava a um consenso, o que tornava as reuniões pouco produtivas.

Alguns disseram ser isso culpa do “grande ego” do ser jornalista; cada um querendo impor seu ponto de vista sobre o outro sem aceitar opiniões divergentes. Atualmente, ocorrem reuniões esporádicas, em grupos muito pequenos, em que se discutem as metas, pautas e resultados; porém, em escala menor, acontecendo, na maior parte das vezes, por telefone ou e-mail.

Quando iniciamos nossa pesquisa, um dos funcionários estava em sua segunda semana de serviço, e percebemos o início de um ritual de passagem. Quando a editora-chefe acaba a produção do jornal, imprime roteiros para todos os integrantes da “bancada de exibição”, para a apresentadora do jornal e para a editora, que são entregues pela produtora ou por alguma pessoa que estiver por perto. Há uma ordem definida na entrega dos scripts: o primeiro é sempre para a apresentadora; o segundo é para a editora que fica em outra sala; o terceiro é sempre para a pessoa que exhibe os



créditos (sempre uma pessoa não-pertencente originariamente ao departamento de Jornalismo); o quarto, normalmente é para o áudio, e o quinto, para a direção de imagem.

Nota-se que a entrega dos scripts se dá na direção horária da disposição dos integrantes na mesa. Porém, como a direção de imagem está a cargo de um novato, o script é entregue antes do áudio, para o iniciante ter um pouco mais de tempo para assimilar as informações e executar a sua função. Consideramos isso como um rito de passagem onde a situação se adequa ao indivíduo, e não o contrário. De qualquer maneira, quando o funcionário estiver mais acostumado a essa nova função, a ordem dos scripts voltará a ser entregue da maneira original.

Constatamos a presença de um evento que denominamos como “ritual do bom dia”. Em todos os dias, ao chegarmos ao local, éramos cumprimentados por todos com um “bom dia”, independentemente de termos sido apresentados a essa pessoa. Fomos bombardeados com esses cumprimentos por todos os envolvidos na realização do Jornal da Alterosa, porém nunca fomos cumprimentados por nenhum faxineiro. O “ritual do bom dia” pode ser considerado como um ritual de reforço. Para Barsky, Islam, Rose & Zyphur (2006), este tipo de ritual a parte mais visível dos atos cerimoniais; são atos públicos deliberados para embelezamento de comportamentos corretos ou recomendados. Os ritos de reforço atingem suas metas por serem públicos.

Os ciclos de eventos na emissora têm intervalos pequenos; “todas as reportagens tem que ficar prontas no dia de ontem”. Nenhum funcionário chega no mesmo horário do outro; geralmente a equipe de reportagem é a que chega mais cedo, mas não há horário rigidamente fixo, em que se tenha que bater cartão. Cada um por si, sem combinar horários para o cafezinho no corredor.

Quanto mais se aproxima o horário do jornal, o tempo, que era contado em segundos, passa a ser contado em milésimos de segundos. Todos os dias há telefonemas para a matriz de Belo Horizonte para a sincronia dos relógios; a matriz envia, também, o horário em que o telejornal juizforano entra no ar, que varia poucos segundos de um dia para o outro.

Onze e quinze da manhã: começa a ecoar pelas salas um sopro de tensão, uns gritos, dois palavrões. Onze horas e quarenta minutos: correria, dez minutos para o início do jornal. Impressoras funcionando em ritmo frenético, pessoas idem. A apresentadora lê todas as notícias em voz alta para treinar a fala. Na sala de exibição, são checados os aparelhos, as pessoas responsáveis pela transmissão tomam seus



lugares e recebem seus scripts. Apenas uma cadeira está vazia. Onze horas e cinquenta minutos: o programa anterior está acabando, e entrarão os comerciais que já são de responsabilidade da transmissão de Juiz de Fora, não mais de Belo Horizonte.

Apesar da tensão no local, alguns ainda arriscam cantarolar a música do programa anterior, que exhibe clipes musicais. A cadeira vazia é preenchida pela editora-chefe, que passa a aguardar, ansiosamente, o início do jornal. Onze horas e cinquenta e cinco minutos: o profano vira sagrado, o egocêntrico vira coesão, o indivíduo vira sociedade, inicia-se o Jornal da Alterosa – Edição Regional. Há uma interdependência das funções; com a necessidade da perfeita sincronia entre as partes. É como se fosse uma sinfonia de Beethoven: cada nota, cada acorde tem importância imprescindível para o todo; se retirarmos uma nota, haverá uma dissonância, um som impuro chegará aos nossos ouvidos.

Um erro ou atraso de um segundo no apertar de botão pode comprometer o trabalho de toda a equipe. Se o membro que controla a imagem colocar os comerciais “no ar” ao invés de uma reportagem, por exemplo, atrapalhará o trabalho da exibição dos créditos e da direção do áudio. Dois membros do Departamento afirmaram que o medo de errar aumenta a tensão; a falha será notada pelos telespectadores como sendo da emissora, ou seja, a responsabilidade de um só membro passa a ser imputada a toda a equipe, em caso de erro. A palavra mais falada durante a exibição do jornal é “atenção”. A cooperação entre os integrantes e a coordenação das funções são imponderáveis neste momento. Quando entram os comerciais, o clima de tensão diminui um pouco, mas o estado de alerta é permanente.

Quando há reportagens muito quentes – como quando uma jovem de 19 anos caiu de um brinquedo chamado Queda Livre numa importante festa da cidade patrocinada pela emissora e morreu no local, o ambiente fica ainda mais nervoso. Estávamos presentes neste dia e, excepcionalmente, a equipe de reportagem estava de folga. A editora-chefe teve que deixar suas funções originais e sair para entrevistar a tia da jovem. Gilze estava acordada desde a madrugada, quando soube do ocorrido. A fita com a matéria foi entregue às pressas para a editora; uma intensa apreensão pairava na emissora. A reportagem ficou pronta em cima da hora, poucos minutos antes do início do jornal. Quando este terminou, sensação de vitória. Comemorou-se o êxito da transmissão, que transcorreu sem problemas.

Há um alívio – todos os dias – após a exibição do programa. Trabalha-se o dia todo para esse momento. O trabalho em equipe manchado por traços individualistas,



durante o dia e a preparação assume uma forma “pura” durante a transmissão. Trata-se de um ritual de coesão no trabalho. Perfeição, por aqui, não pode ser considerada uma meta inatingível.

O campo jornalístico e o processo de produção de notícias

Na relação entre a cultura profissional dos jornalistas e os processos produtivos, há convenções que determinam o que deve ser considerado notícia; “tudo o que não corresponde a esses requisitos é excluído, por não ser adequado às rotinas produtivas e aos cânones da cultura profissional” (WOLF, 1999, p. 127)³. Em todo meio jornalístico, a informação a ser veiculada deve ser escolhida dentre tantas outras: a notícia melhor apurada tem sempre preferência, como disse em um dos dias, na redação, a editora Gilze: “não quero a (notícia) do aeroporto não. Não quero ir no escuro, tem tanta coisa boa”.

Mauro Wolf (1999) define critérios de noticiabilidade, como proximidade, marco geográfico, impacto, humor, raridade, utilidade, política editorial do jornal e originalidade. Esta noticiabilidade, segundo ele, é avaliada segundo o seu grau de integração aos processos rotineiros de produção da notícia, como um produto industrial. As preferências estão na captação de acontecimentos pontuais, que representam alguma “exceção”, diferentemente dos acontecimentos constantes, que representam permanência, estabilidade. Alguns exemplos no Jornal da Alterosa são: a morte de uma garota devido a um acidente em um dos brinquedos de um parque de diversões instalado em um grande evento da cidade, e o caso de uma criança que morreu após, supostamente, ter ingerido um sanduíche envenenado.

A editora-chefe e a produtora do local estudado, as mais experientes, são as que hierarquizam as notícias, de acordo com os blocos, este “senso prático proveniente da experiência que permite hierarquizar rapidamente o caos da informação” (GANS, 1979, apud NEVEU, 2006, p. 91). Na disposição das notícias entre os blocos, as más notícias têm prioridade, sejam elas de política, economia ou “de polícia”. A reportagem sobre a prevenção da conjuntivite, por exemplo, foi engavetada por três dias, após a expectativa de ir ao ar. A produtora reclama: “essa da conjuntivite eu não agüento mais cair, é uma matéria muito boa”. As notícias mais leves geralmente vão ao ar no último bloco.

³ Mauro Wolf (1999) afirma que todas as pesquisas de *newsmaking* têm em comum a técnica de observação participante, e cita, entre outros, Gans (1979) como exemplo.

O telejornal traz notícias relativas à cidade de Juiz de Fora e a região da Zona da Mata mineira, com mais enfoque à cidade juizforana, como se a história transcorresse à sua frente (MARCONDES FILHO, 2000). O que é local é destacado; as notícias ficam mais perto das pessoas; todos os jornalistas do local afirmam que a prioridade é do factual. Segundo Charaudeau (2006),

as mídias estão presas a esses dois imaginários que determinam dois tipos de público: aqueles que se apegam à aldeia (a imprensa regional, com a caça, a pesca, a política local, os *fait-divers* que envolvem as pessoas do local) e aqueles que sonham com o planeta (a imprensa nacional, com a política interna e externa, os esportes e os acontecimentos sociais).

Além da prioridade do acontecimento local, o Jornal da Alterosa mantém muito forte as relações com as fontes policiais. Todos os dias, logo após chegar à redação, a produtora Regina faz ligações para órgãos da cidade, a fim de saber o que se tem de “novidade”, de “*news*”. A aparente intimidade era maior com as fontes da polícia e do corpo de bombeiros. Os telefonemas eram recheados de expressões como “acorda, menino!”, “e aí, dormiu bem?”, e “ah, seu cachorro!”. Regina afirma ser preciso levar na brincadeira a relação com a fonte da delegacia, “pois assim a gente os conquista e eles nos informam”, segundo as palavras da própria produtora do jornal.

Entretanto, deve-se ter um compromisso com a fonte para que a esta “não queime”, isto é, para que ela continue informando a emissora. Para uma das fontes não ficar “chateada” após uma matéria ter sido “engavetada”, a produção aproveitou uma notícia de um acidente no centro da cidade acontecido pouco tempo antes para ouvir a referida fonte, um integrante da polícia militar; “é preciso ter jogo de cintura com as fontes”, segundo a produtora.

Nesta predominância do factual, tem-se que transmitir a verdade pela emoção. “As cenas filmadas devem transmitir a dor, a desolação, a tristeza. Proibidas são as imagens monótonas, sem vida, paradas” (MARCONDES FILHO, 2000). O telejornal é mais inclinado a contar histórias, por exemplo, do que o jornal impresso, já que a notícia no telejornal é feita para ser compreendida em sua totalidade, enquanto no impresso podem-se ler apenas as primeiras linhas para se ter o essencial da notícia. A reportagem sobre como vive um crocodilo um ano após ter sido encontrado em uma cidade da região é um caso a ser refletido.

Luiz Gonzaga Motta (2002) nos mostra o caso da notícia de um urubu-fêmea em um jornal impresso e nos faz indagar o como um acontecimento “qualquer” como este

ganha o status de notícia. Trata-se de, assim como a do crocodilo, uma notícia sem muita relação com o factual; ela quer suscitar no telespectador a empatia, a emoção e a curiosidade. Uma reportagem como essa pode ser tratada como de interesse puramente humano ou *fait-divers*. Para Motta (2002, p. 315), o valor dos *fait-divers* não está na relevância social do acontecimento, “mas no interesse que despertam enquanto casos contados, enquanto estórias. Não é o fato que conta, mas sim o conto do fato”.

O jornalismo cada vez mais, e o Jornal da Alterosa – Edição Regional é uma prova disso, torna-se um jornalismo do infotainment, ou *infotainment*, para usar a expressão de Schudson (2003), esta mistura entre a informação considerada importante para a realidade social e o que é apenas curiosidade, diversão, entretenimento, e é cada vez mais difícil discernir um de outro. Este jornalismo do infotainment, segundo Schudson (2003), é acompanhado pelo crescimento do jornalismo investigativo, e os estilos de reportagem ao redor do mundo estão mais informais e íntimos do telespectador.

No telejornal, “não pode haver nada de complexo, difícil, que dê trabalho ao telespectador”; faz parte da própria linguagem jornalística a pretensiosa objetividade, a concisão e até mesmo certo didatismo. Faz parte também da frenética lógica do tempo na televisão, em que todas as coisas são cronometradas no nível de centésimos de segundo. Como apontado acima, a editora de imagens do local pesquisado anotava o tempo decorrido após todas as reportagens para saber se a apresentadora deveria falar mais devagar; ninguém pode se desligar do ritmo da “fabricação do jornal”.

A atividade jornalística possui uma relação tensa com o tempo, proibindo deliberações demoradas (NEVEU, 2006). Estes limites rígidos da duração das notícias acabam não sendo suficientes para que o contexto histórico ou geográfico seja fornecido, esquecendo as causas profundas (WOLF, 1999), como as notícias sobre o aumento do preço do pão francês em Juiz de Fora, por exemplo, em que não são detalhados contextos econômicos mais amplos.

O local estudado, assim como diz Ciro Marcondes Filho (2000, p. 88), assume uma cronometrização do cotidiano inconscientemente. “As publicidades têm de durar trinta segundos, notícias não podem ser longas, entrevistados não podem falar mais de uma frase”. Tudo é avaliado, medido e calculado. E é neste contexto que os jornalistas têm uma “amplitude do horário” em que são jornalistas, como diz a apresentadora Gesane: “jornalista é jornalista vinte quatro horas por dia. Não tem como você sair do



trabalho e esquecer dele”, ou como diz sabiamente a editora-chefe Gilze: “minha vida é pensar se aquilo é notícia ou não é”.

Considerações finais

Em uma cultura específica como a jornalística, observou-se que a relação com o tempo possui um caráter especial. A categoria tempo, representando a velocidade e o cronômetro, é a categoria-chave para se compreender o ritual de coesão presente na produção do telejornal. Apesar da flexibilidade com relação ao horário de chegada do jornalista na empresa, o profissional tem que fazer o que lhe cabe e, no horário de exibição do jornal, todos devem estar na mesma sintonia, com os relógios marcando os mesmos centésimos de segundo.

A produção de notícias não escapa das categorias atuais de aceleração do tempo, da urgência; os jornalistas são pressionados a produzir, o mundo quer notícias “para ontem”, e, acoplado a tudo isso, tem-se uma mistura de *hard news* com *soft news*, em que informação e entretenimento ocupam o mesmo lugar, o que seria o jornalismo do infotimento.

Este estudo pretendeu priorizar caracteres descritivos sobre a cultura organizacional em ambiente jornalístico. A tentativa de juntar a teoria antropológica com a teoria da comunicação pode ser válida e pode ser mais disseminada, tanto no campo da Antropologia, quanto no campo da Comunicação, permitindo obter resultados significativos no que diz respeito ao estudo de rituais, hierarquia e processos de produção de notícias. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, portanto não tem caráter abrangente, nem conclusivo, e sim uma proposta para novos estudos.

Referências

BARROS FILHO, C.; SÁ MARTINO, L.. **O Habitus na Comunicação**. São Paulo: Paulus, 2003.

BARSKY, A., ISLAM, G., ROSE, J., ZYPHUR, M.. **Rituals Revisited**: a new look at Organizational Rituals. IBMEC Working Paper, São Paulo, 2006.

BEYER J. & TRICE, H. **Studying Organizational Cultures through Rites and Cerimonials**. Academy of management Review, 1984.



CHAMPAGNE, P.. **Formar a Opinião**. Petrópolis: Vozes, 1996.

CHARAUDEAU, P.. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

DEAL, T.; KENNEDY, A.. **Corporate Cultures: the rites and rituals of corporate life**. London: Penguin, 1988.

DURKHEIM, E. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

GANS, H.. **Deciding what's news: a study of CBS Evening News, NBC Nightly News, Newsweek and Time**. New York: Pantheon Books, 1979.

LANGE, C. Ritual in Business: a corporate culture through symbolic management. **Industrial Management**. Vol. 33, n.4, 1991.

MARCONDES FILHO, C. **A Saga dos Cães Perdidos**. São Paulo: Hackers Editores, 2000.

MOTTA, L. Teoria da Notícia: as relações entre o real e o simbólico. In: MOUILLAUD, M.; PORTO, S. (org.). **O jornal: da forma ao sentido**. Brasília: Ed. UnB, 2002.

NEVEU, E. **Sociologia do Jornalismo**. São Paulo: Ed. Loyola, 2006.

PEIRANO, M. **O dito e o feito: ensaios de antropologia dos rituais**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

RADCLIFFE-BROWN, A. R. **Estrutura e Função na Sociedade Primitiva**. Petrópolis: Vozes, 1973

ROBBINS, S. **Comportamento organizacional**. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

SEGALEN, M. **Ritos e Rituais Contemporâneos**. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

SCHEIN, E. **Organizational Culture and Leadership**. San Francisco: Jossey Bass, 1986.

SCHUDSON, M. **The Sociology of News**. New York: W.W. Norton & Company, 2003

WOLF, M. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Editora Presença, 1999